

Cidades deixam idosos isolados “no meio da multidão”

No coração dos centros urbanos, há um drama que se agrava em silêncio: a vida de milhares de idosos sós. Para eles, a cidade não agrega: isola

Ana Cristina Pereira, Andreia Sanches, Graça Barbosa Ribeiro

● Nas zonas rurais “rarefeitas”, o vizinho mais próximo pode estar a quilómetros. Nas urbanas, o idoso pode estar isolado “no meio da multidão”, nota o geógrafo Álvaro Domingues. Às vezes, são cinco lances de escadas, outras bastam “dois ou três degraus”. Leonel Gomes já só consegue descer a escadaria do prédio onde vive, na Madalena, em Lisboa, se tiver muita gente a ajudá-lo. Como a maioria dos vizinhos é também idosa, passa os dias a jogar paciências na sala. A mulher deixou de conviver. “Não posso ir a lado nenhum, não o vou deixar sozinho”, e ele já não conversa, lamenta ela.

As cidades estão a envelhecer. Sobretudo as mais antigas e as de maior dimensão. A proporção de idosos aumenta a um ritmo superior à média nacional. Lisboa - “a cidade portuguesa mais envelhecida e a ca-

pital europeia com maior proporção de idosos”, segundo o sociólogo Paulo Machado - perdeu, em duas décadas, 243 mil pessoas. O Porto perdeu 94 mil entre 1981 e 2005.

Quer no Porto, quer em Lisboa, só a população com mais de 65 anos cresceu. A diminuição da população nota-se mais nas freguesias do centro histórico e da Baixa. Há 38 anos em duas paróquias do centro histórico do Porto, o padre Agostinho Moreira viu partir muita gente. “Os jovens que querem constituir família mudam-se”, sobretudo, para concelhos limítrofes, com casas mais baratas. Ficaram os idosos. Isolados. Oito na Rua dos Mercadores, três na Rua de São João, três na Rua da Reboleira...

Há cerca de 160 mil idosos na capital, diz Machado. Mais de 34 mil vivem sozinhos. Mesmo em Coimbra, onde a população cresceu 6,1 por cento entre 1991 e 2001, o número de residentes no centro da cidade caiu: 41 por cento na Baixa e 35 por cento na Alta. E envelheceu. De acordo com o levantamento sociodemográfico feito em 2005 e 2006 pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (UC), 36 por cento dos que residem na Baixa têm mais de 65 anos. Na Alta, os idosos são 21 por cento.

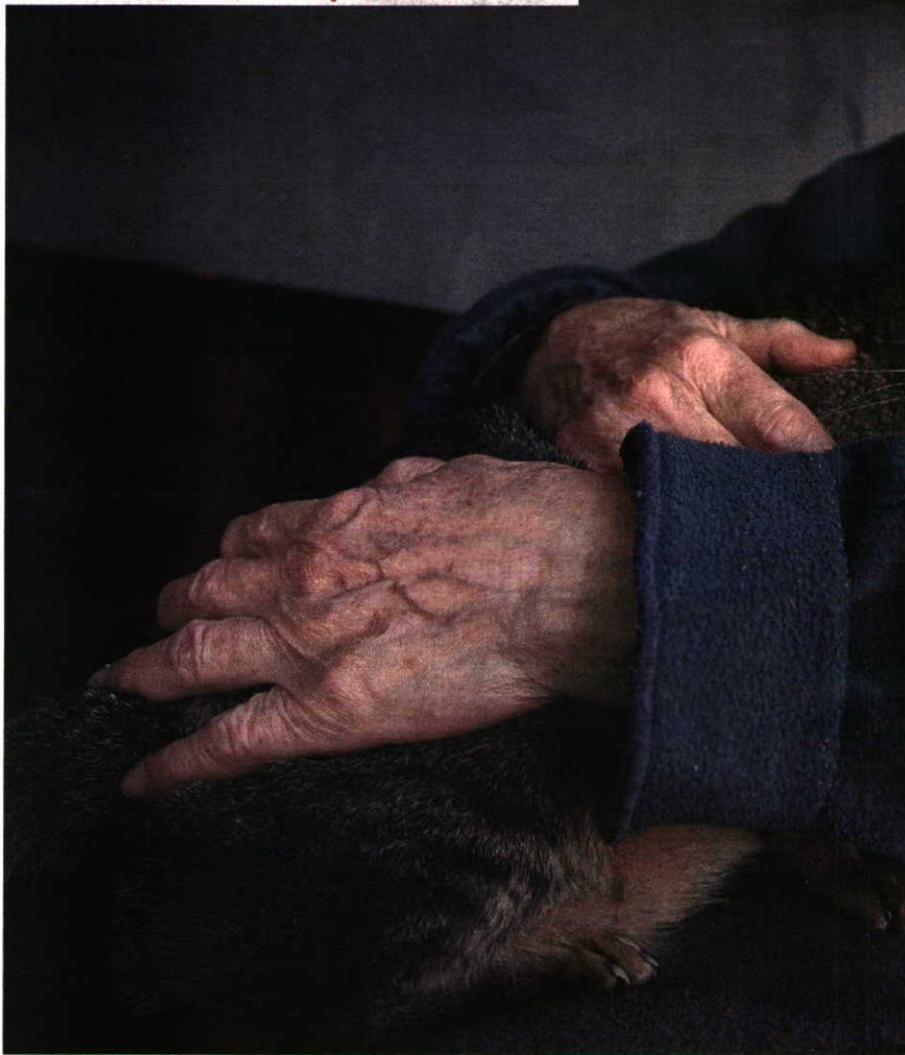
Carlos Fortuna, do Centro de Estudos Sociais da UC, sublinha que viver só não significa, necessariamente, viver em solidão. Em Coimbra, por exemplo, “para além das redes formais, existem as redes informais de solidariedade e, nestas zonas, onde os idosos vivem das suas reformas, o espírito de comunidade e de bairro é muito forte. Há a senhora que leva à vizinha um prato de sopa, o merceiro que coloca o pão num cesto que um idoso puxa com uma corda, para não ter de descer e subir as escadas”.

Sozinho diferente de solitário

A solidão é mais do que o resultado do abandono a que alguns filhos votam os pais ou da fuga dos jovens para as periferias. Paulo Machado diz mesmo que o relacionamento interpessoal até podia “ser menos importante se tudo o resto funcionasse”. Que tudo o resto? “A relação que as pessoas estabelecem com o seu território, com o seu espaço, com a sua casa.”

Há áreas de Lisboa, sobretudo na zona histórica, “que empurram as pessoas para casa”. A ocupação

A Rua da Reboleira, no Porto, é habitada por três idosos



“Alguns proprietários acham que têm ali um filão de ouro!”

Degradação, aliada a preço elevado das casas (compra ou arrendamento), empurra jovens para fora dos centros das cidades

Os ratos “não largam”. As bacias espalham-se ao mínimo sinal de chuva. Não há vizinhos nos andares de cima, desde que um incêndio deflagrou. É preciso ir lá pôr bacias, evitar que a água chegue cá abaixo, onde dorme Ricardo Amaral, caloiro de Contabilidade e Administração, a avó, a mãe e o irmão. A família só pensa em sair.

O diagnóstico está há muito feito. O congelamento das rendas ditou o desinvestimento dos proprietários. Essa demissão, conjugada com a negligência e com a pobreza dos moradores, comandou a degradação dos centros históricos. É como se os senhores se limitassem a aguardar a morte dos inquilinos, menea Jardim Moreira, presidente da Rede Europeia Anti-Pobreza. Depois, reina a especulação, chega José Eduardo Macedo, da Associação Portuguesa dos Empresários de Mediação Imobiliária. “Alguns proprietários acham que têm ali

um filão de ouro!” Pedem por uma (quase) ruína valores indicados para uma casa já recuperada.

O mercado de arrendamento também empurra para fora dos centros. A família de Ricardo Amaral paga, na Ribeira do Porto, 183 euros de renda. Por um apartamento que mete tanta água parece-lhe excessivo. “Estou apegado a esta zona. Estou perto de tudo. Tenho transportes. Mas não há casas em condições para estabelecer uma família.” A avó teve dez filhos. Os tios saíram todos do centro histórico. Para Gaia, para



Valongo, para Gondomar.

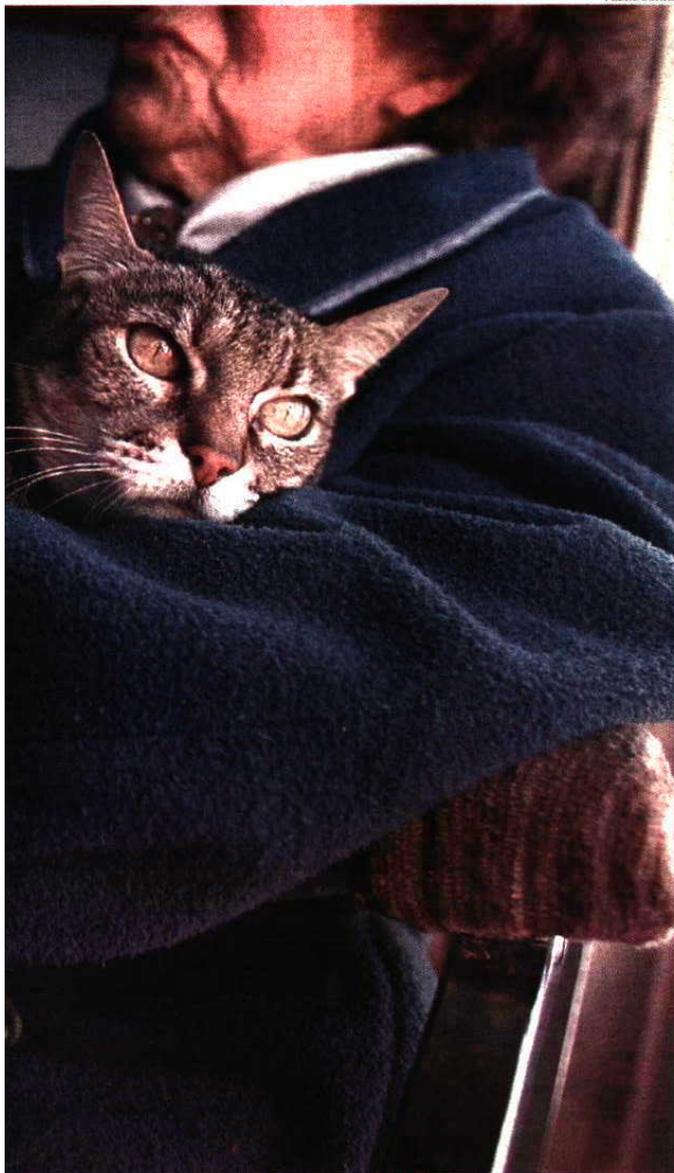
Não será sempre assim. O geógrafo Álvaro Domingues, lembra-se de há 20 anos ver escadotes e andaimes a segurar prédios na Ribeira do Porto. Havia pessoas a viver em corredores. Agora avista a inversão do discurso da ruína. “Os centros históricos nunca estiveram tanto na moda.” Enformam um produto diferenciado.

Ao velhinho Bairro de Alfama, em Lisboa, “chegam cada vez mais estrangeiros para viver”, diz Lurdes Pinheiro, da Junta de Freguesia de Santo Estêvão. E na Junta da Madalena, segundo o presidente Jorge Ferreira, começam a aparecer mais “pessoas de 30-40 anos, de um segmento económico alto, que podem pagar os preços das casas”. Certo, diz Álvaro Domingues, é que a perda da alma ou identidade destes locais é um processo que parece quase inevitável. Os centros históricos transformam-se em parques temáticos. A.C.P. e A.S.

Sondagem

A solidão é a segunda causa de preocupação

Os problemas económicos (35,8 por cento) e a solidão (26,4 por cento) são, segundo os portugueses inquiridos no âmbito de uma sondagem da Marktest, as principais dificuldades dos idosos. As questões relacionadas com a assistência médica (14,4) e a falta de equipamentos de apoio (12,7) também são referidas, mas por menos pessoas. O aumento das reformas é defendido por 39,6 por cento da população - como forma de resolver os problemas dos mais velhos. Em segundo lugar (25,3 por cento), é apontada a necessidade de disponibilizar mais apoios às famílias para que elas consigam manter os idosos em casa. Por outro lado, a criação de mais lares é reclamada por 24,4 por cento dos inquiridos. A sondagem da Marktest (envolveu 814 entrevistas telefónicas) foi realizada a propósito do Dia Mundial dos Avós, a 26 de Julho.



Programa de combate à solidão em Lisboa

Luci e o avião que a leva a passear “de mão dada”

Reportagem

Andreia Sanches

● Aos 92 anos, Luci não se cansa de falar das viagens que fez “all over the world” e dos sítios onde viveu quando era jovem “e adorava dançar” - “Nova Iorque, Bruxelas, Inglaterra, Canadá...” Um dia, a explicadora de Inglês e Francês regressou de vez a Lisboa, à casa grande, “de cinco quartos, duas casas-de-banho, um terraço”, onde hoje vive sozinha com três gatos, perto da Avenida de Almirante Reis. Um deles está no seu colo, a receber festas, enquanto ela fala: “Estás velho, como eu... *What can we do?*” Luci já não ensina línguas, mas continua a praticar.

Por saberem como adora conversar sobre viagens, as técnicas do programa *Mais Voluntariado, Menos Solidão*, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), deram-lhe uma prenda: a sua casa passou a ir, uma vez por semana, Paulo - “um avião com uma paciência inaudita”, descreve Luci.

Paulo é um dos 125 voluntários do programa desenvolvido pela SCML, em parceria com a Associação Coração Amarelo e a Delegação de Lisboa da Cruz Vermelha. Constituem verdadeiras brigadas de combate à solidão e ao isolamento. Acompanham 104 idosos que vivem sozinhos, alguns dos quais nunca sairiam de casa se essas visitas não acontecessem.

Estas pessoas estão espalhadas por toda a cidade. É que o peso dos idosos em dificuldades não se faz sentir só no centro histórico, nota Paulo Machado, chefe do Núcleo de Ecologia Social do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, que, em 2004, defendeu a tese de doutoramento *As malhas que a cidade tece - mudança social, envelhecimento e velhice em meio urbano*. Na verdade, “em números absolutos é em São João de Deus, São João de Brito, Campo Grande, Alvalade, Nossa Senhora de Fátima, que está o maior número de idosos”. Em Alvalade, por exemplo,

a proporção de pessoas com mais de 65 anos é de 35 por cento. A visibilidade que estes idosos têm é que é menor.

Luci é uma delas. Já sobreviveu a duas quedas, mas ficou “com fobia a escadas”. Não desce sequer as do seu prédio. Só se tiver ajuda. E vai tendo. Uma vez por semana Paulo bate-lhe à porta: “Vamos à rua de mão dada. Perguntam-me: ‘Luci, como é que arranjaste um noivo tão novo e bonito?’ E quando ele vem fardado com a farda da TAP, nem imagina que bonito...”

Para além do “aviador” - “no outro dia mostrou-me a Internet, eu não sabia o que era, apareceu aí com uma caixa [um computador] e perguntou-me: ‘o que é que quer ver?’ Fiquei maravilhada” - Luci recebe as visitas regulares de Lurdes, uma desempregada de 54 anos que depois da empresa onde trabalhava ter fechado entendeu que “era preciso ser útil”. “Hoje, a

104

idosos de Lisboa beneficiam do *Mais Voluntariado, Menos Solidão*, um programa com 125 voluntários

Lurdes é mais do que voluntária, é uma amiga”, conta Luci, que há muitos anos se separou do marido e não tem mais ninguém. “Os meus pais e irmão morreram todos.”

Lurdes marca as consultas, ajuda com as compras, conversam ao telefone fora dos dias de visita. Os olhos de Luci brilham, à medida que faz festas ao gato que salvou da rua e fala da “Lurdinhas”. “Eu salvei os gatos e a Santa Casa salvou-me a mim.”

Tem uma reforma pequena, mas as poupanças que fez vão chegando para viver sem grandes preocupações. É a solidão o que mais a atormenta, sobretudo à noite e aos domingos, quando nenhum voluntário lhe entra pela casa. A solidão tira-lhe a vontade de tudo. Até de comer. Por isso, se tivesse uma varinha mágica, o seu desejo era “ter um voluntário também ao fim-de-semana”.

turística, o excesso de viaturas, “tornaram-se perigosos para os mais velhos”, exemplifica o sociólogo. O cenário repete-se noutras paragens. Na Ribeira do Porto, a psicóloga Isabel Carvalho atende idosos que temem sair depois de entardecer por causa dos assaltos. Nas suas visitas ao domicílio, a assistente social Fátima Pinto quase dá “murros nos olhos” para palmilhar escadas “cheias de buracos” e sem iluminação.

Claro que quem está doente, “impossibilitado de interagir, se sente profundamente isolado”, refere Machado. Mas muitos idosos que ainda têm mobilidade concentram-se nos jardins, nos parques, “procuram os espaços onde existem outras pessoas, para conviver”. No limite, como lembra Álvaro Domingues, podem dirigir-se às urgências de um hospital.

Alterar fisionomia de cidades

Porque é que muitos dos que têm capacidade de interagir não o fazem, questiona Machado? Porque encontram as tais barreiras. No acesso aos passeios (“a calçada portuguesa é lindíssima, mas fatal”), exemplifica; no chegar ao jardim que fica no final de uma descida acentuada (“e não há muito em Portugal a tradição dos corrimãos nas ruas”); no desajuste dos tempos dos semáforos (“não se

adequam a quem perdeu já algumas capacidades auditivas, visuais, de mobilidade”).

“O envelhecimento da população urbana é um fenómeno relativamente recente e muito intenso, as autoridades ainda estão a aprender a lidar com ele”, diz Carlos Fortuna. A solução está na alteração “da fisionomia das cidades”, que têm de “aceitar que aqueles que protagonizaram o êxodo rural da década de 60 e que as fizeram crescer são os idosos de hoje”. No caso dos centros históricos, diz, a solução está na renovação urbana. Ou seja, uma solução “demasiado longe” de quem já sente na pele os problemas.

Os desafios que o envelhecimento coloca não são uniformes. No centro histórico de Lisboa, as respostas a esta população aumentaram de tal forma que, diz Machado, há concorrência entre respostas sociais, “está toda a gente a querer levar o almoço ao idoso em casa e há pessoas que recebem dois almoços”. Já nas Avenidas Novas, onde moram mais idosos de classe média, há menos respostas deste tipo. Falta aperfeiçoar o levantamento das necessidades e articulação entre instituições.

Outro termo de comparação? Nas zonas rurais “rarefeitas”, como lembra Álvaro Domingues, até pode acontecer não haver resposta alguma.



Simplesmente sair de casa pode ser uma tarefa arriscada

Fernanda, uma história de solidão no coração da Baixa do Porto

ADRIANO MIRANDA



Vidas cruzadas no quotidiano “sombrio” da Ribeira do Porto

Os passos de Fernanda, Laurinda e Arminda num cenário degradado de casas com janelas entaipadas ou vidros partidos

Reportagem

Ana Cristina Pereira

● As escadas de madeira rangem a cada passo. A partir do primeiro andar não há iluminação. Fernanda mora lá em cima, no quinto. O quinto é um labirinto com um rádio ligado numa ponta e outro ligado noutra. Aquele zunzum é vida que se injecta no apartamento atravancado. Está sozinha há oito anos, desde que a irmã foi internada num lar.

Laurinda está sozinha desde sempre. Enquanto trabalhou não se doeu. Agora, tenta nem se lembrar desse pormenor. Lê “um bocado, alguma coisa bem-disposta”. Conversa com os livros. “Sabe o Meu Pé de Laranja Lima [de José Mauro de Vasconcelos]? É sobre um menino sozinho que tinha uma árvore por companhia. Eu tenho um livro de vez em quando.”

Arminda começou a morar sozinha depois da morte da filha “aleijadina”. “Era a minha companhia. Tenho outros quatro filhos, mas agora ninguém quer os pais em casa”, queixa-se. Uma delas ainda tentou, só que o marido “era um ciumento”. Arminda morou lá um mês e tornou à sua degradada casa. A filha disse-lhe que “tinha de

ser”. E depois ela morou sozinha uns 20 anos. Há perto de três, entrou num lar. Não teve escolha. Está com 87 anos, a casa aluiu.

As três idosas cruzam-se na Associação Social e Cultural de São Nicolau, no centro histórico do Porto. Fernanda raramente põe ali os pés, usa a modalidade centro de convívio - aparece quando lhe acabam as compras ou quando lhe apetece ver a irmã e como as pernas estão perras apetece-lhe cada vez menos. Laurinda usa a modalidade centro de dia. E Arminda a modalidade lar.

Este não é o centro histórico da mocidade delas. “É muito sombrio.” Abundam edifícios com as janelas entaipadas ou com os vidros partidos. Entre 1981 e 2001, a população passou de 27.961 para 13.189. Foram-se os jovens, ficaram, sobretudo, os desempregados, os beneficiários de rendimento social de inserção e os velhos como elas. No Largo de São João Novo, “ao domingo, não se ouve nada”. “Os que têm filhos vão passar o fim-de-semana a casa deles” e Laurinda amargura-se ao vê-los. Há quem prefira não ir. Arminda deixou de ir desde que passou a usar um saco para urinar e defecar. Tem vergonha.

Laurinda mora sozinha num prédio de três andares. Primeiro morreu a vizinha do 2º andar,

depois a do 1º. No prédio à direita não mora ninguém, no prédio à esquerda mora um casal. Aterrorizada a ideia de gritar no vazio. “Peço a Deus que me mate de dia. Se morro de noite, ninguém dá comigo.” Entregou uma cópia da chave à vizinha da frente: “Se não levantar a persiana, ela vai lá bater à porta.”

Fernanda teme ouvir a porta de noite. Não há muito bateram por volta das 22h00. Chiuuuuuu.

Intervenção avançará na Sé

A reabilitação do centro histórico, iniciada em 1974, tarda. A Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU) fez um *master plan* para a Baixa do Porto, planos para reabilitar quarteirões, concluiu uma experiência-piloto. No centro histórico, foi anunciada a intervenção do quarteirão Mouzinho da Silveira/Corpo da Guarda, entre a Ribeira e o Morro da Sé. São 27 edifícios, quatro pertencentes à câmara, dois à Porto Vivo-SRU, os outros a privados. Dezassete edifícios estão em mau estado ou em ruínas, cinco são públicos. Um terço está devoluto.

Fernanda ficou quieta, quietinha. De repente, “zás, trás”. A costureira respirou fundo, encheu-se de coragem, perguntou: “Quem é que está a entroncar a minha porta? Vou já telefonar à policial” Quem lá foi desapareceu. E lá foram cem euros para uma fechadura nova.

O orçamento não estica. Calças de fato-de-treino por baixo do vestido, avental por cima da camisola, Fernanda enverga um xaile e um par de mangas extra a que chama “manguitos”. Não há aquecimento na casa que a acolhe há 60 anos. Aos 76, ainda esforça a vista para costurar. Tem de se entreter. Hoje nem sequer saiu de casa. “Tendo as coisinhas [para cozinhar] em casa não saio.” Não fosse a associação faltaria comida.

A associação disponibiliza apoio domiciliário, centro de convívio, centro de dia, lar. O facto de se destinar, preferencialmente, aos idosos da freguesia reduz o impacto da institucionalização, salienta a directora, Susana Vasconcelos. Muitos dos que ali estão conhecem-se do café, da mercearia, do dia-dia. Se quiserem sair, sabem onde é a igreja, o café, a farmácia. Quando alguém vem visitar um, sempre cumprimentam outros que o viram crescer. No tempo em que a Ribeira do Porto era uma azáfama de dia e de noite.

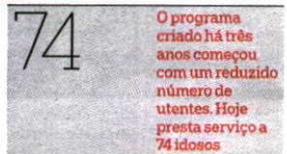
“Isto anima!” Telefone suaviza a solidão em Coimbra

Graça Barbosa Ribeiro

● Sentada no sofá do hall de entrada de uma casa do centro histórico de Coimbra, Fernanda Pereira, de 92 anos, puxa por dois fios que diz trazer “sempre” ao peito. “Nunca os largo”, insiste. Um é um terço. O outro um objecto do tamanho de um mostrador de relógio de pulso, um controlo remoto que traz pendurado por um cordão prateado. E é a este último que se agarra em momentos de aflição: “Quando estou para morrer, toco e vivo sempre mais algum tempo.”

O controlo remoto, que acciona um telefone em alta-voz e provoca a resposta pronta de uma operadora da central telefónica, faz parte do projecto de teleassistência permanente aos idosos sozinhos que do centro histórico a câmara municipal alargou ao resto do concelho. Conta Fernanda Pereira que foi o que lhe valeu, há dois anos, quando caiu e partiu um pé. A voz da profissional da central de assistência, ecoando por toda a casa, foi-a acalmando: “Vou já mandar uma ambulância.” “Tenha calma, o socorro está a chegar.”

Mal o botão é accionado, a técnica tem acesso a todos os dados relati-



vos à pessoa que originou a ligação: nome (“Dona Fernandinha”), idade, morada, números de telefone de familiares, vizinhos e amigos... Alguns só ligam em caso de emergência, muitos fazem-no para quebrar a solidão, como Raul Duarte, de 89 anos, que acciona o sistema (através do controlo remoto que usa como um relógio de pulso) para a quinzenal saudação à equipa da teleassistência: “Então muito bom dia! Como estão?” “Isto anima!”, diz depois, a rir. E, mais do que isso, proporciona-lhe uma sensação de segurança: “Felizmente nunca precisei, mas já vi o que é se me dá alguma aflição e eu aqui sozinho?”

Há também quem não se tenha adaptado. Quem tenha dificuldade em entender o sistema e, simplesmente, abandone o controlo remoto entre outras bugigangas, acabando por desistir do serviço. Mas o número de utentes, meia dúzia quando ele foi criado, há três anos, tem vindo a crescer: actualmente são 74 idosos que beneficiam deste tipo de apoio que a câmara municipal paga à empresa de assistência Helphone. O investimento chegou a ser criticado pela oposição, na autarquia. Mas venceu o argumento da maioria: “Se salvar uma única vida, ele já terá valido a pena.”

Centro histórico de Guimarães ganhou cinco por cento de população depois da recuperação urbanística

Victor Ferreira

Nos anos 80, o coração da cidade debatia-se com graves problemas e esvaziou-se. Agora é um lugar na moda que atrai uma nova população

● Júlio Mendes, vereador do Urbanismo na Câmara Municipal de Guimarães, e ele próprio crescido no centro histórico classificado como Património Mundial pela UNESCO desde 2001, não tem dúvidas: "As condições de vida e de habitabilidade no centro histórico de Guimarães não constituem preocupação maior. E a reabilitação dos espaços públicos deu tanta visibilidade ao casco antigo que muito dificilmente situações de grave carência ou isolamento passariam despercebidas."

Na década de 1980, o centro histórico perdeu cerca de 20 por cento de população. As causas dessa perda foram a oferta de habitação social camarária, que nessa altura começou a surgir noutras zonas da cidade, e o facto de o centro histórico ser uma zona com muitos problemas diários. "Não havia saneamento básico, era um espaço muito degradado, sem condições de habitação", descreve Júlio Mendes. Mas com as sucessivas intervenções urbanísticas naquela área, que então começaram a ser planeadas sob a orientação do falecido arquiteto Fernando Távora, a fuga de pessoas inverteu-se. "Neste momento já conseguimos recuperar cinco por cento em número de residentes na zona intramuros", adianta o vereador do Urbanismo. Actualmente vivem cerca de 5000 pessoas naquela área.

"É uma camada de residentes com

características especiais", descreve o mesmo responsável, composta por estudantes universitários, famílias recentes e pessoas que há muitos anos viveram naquela área.

Há três meses, Florbela Castro, 31 anos, trocou Braga por Guimarães e tornou-se numa das mais recentes moradoras da Rua da Rainha, uma das mais emblemáticas do centro histórico de Guimarães. Ao PÚBLICO afirma que sente poucos constrangimentos na sua nova residência - "o maior problema é o saneamento" - mas admite que os vizinhos mais idosos "queixam-se do barulho", sobretudo ao fim-de-semana, e que é consequência do apetite que a cidade tem alimentado pela fruição das esplanadas, bares, cafés e restaurantes que, na última década, têm vindo a multiplicar-se naquela zona.



O velho e belo centro da cidade tornou-se um exemplo de revitalização

Uma iniciativa original em Braga

Telemóveis gratuitos para combater isolamento de idosos

Um telemóvel com mil minutos em chamadas de borla por mês. É esta a receita da Iniciativa de Segurança Idade Maior, um programa concebido e lançado pelo Governo Civil de Braga, e que abrange idosos com idade superior a 70 anos residentes naquele distrito e que sejam beneficiários do complemento social do idoso. Os telemóveis tanto podem ser entregues a idosos que habitem nos centros urbanos como à população envelhecida e isolada das zonas rurais. Cada equipamento tem teclas pré-programadas com números de familiares, amigos e instituições de apoio, o que permite ao

utilizador ligar gratuitamente para qualquer número da rede ISIM.

"O que se pretende com esta iniciativa é colmatar a ausência de redes familiares e de vizinhança", justifica o governador de Braga, Fernando Moniz, em declarações ao PÚBLICO. O programa envolve outras entidades como a PSP, a Segurança Social, a Administração Regional de Saúde do Norte e a Autoridade de Protecção Civil, que criaram linhas de atendimento específicas.

A iniciativa, apadrinhada em Setembro pelo ministro da Solidariedade, pretende fornecer um meio de contacto fácil para

os utilizadores, que são os mais carenciados dos carenciados e na altura da apresentação, o ministro Vieira da Silva admitiu transformar o ISIM num programa de abrangência nacional. "Tudo depende da iniciativa dos restantes governos civis", sublinhou na altura fonte do ministério.

Na semana passada, Moniz anunciou a constituição de um grupo de trabalho para monitorizar o funcionamento do projecto, ao abrigo do qual já foram entregues 497 equipamentos, de um total de 4368 telemóveis previstos, fornecidos pela Optimus.

Mas nem sempre foi assim, e, antes dos milhares camarários investidos na recuperação urbanística daquela área, tratava-se de uma zona identificada com toda a espécie de problemas sociais: a marginalidade, o tráfico e o consumo de drogas e a prostituição saltavam à vista e afastavam a restante população. Hoje em dia é diferente, o que não significa que não haja problemas.

As maiores dificuldades são sentidas pela população mais idosa, argumenta Sofia Ferreira, responsável pela cooperativa Fraterna, uma entidade ligada à autarquia que presta serviços de apoio domiciliário a sete agregados familiares dentro da zona intramuros, uma a duas vezes por dia. Este universo é composto por pessoas entre os 70 e 80 anos de idade. "São casos que nos foram encaminhados ou pela Segurança Social ou pela junta de freguesia", explica Sofia Ferreira. A partir do próximo mês, haverá mais três famílias apoiadas pela Fraterna, que faz distribuição de comida, apoia na higiene pessoal e "quando há tempo" ainda dá uma mãozinha na limpeza e na arrumação da casa.

Além da Fraterna, há uma IPSS no terreno a prestar apoio a famílias carenciadas naquela área, o Lar de Santo António.

O serviço mais requisitado é a cozinha camarária. A cozinha fornece diariamente refeições à população carenciada e funciona no âmbito de um protocolo entre o Lar e a autarquia, mas "boa parte dos utentes da cozinha nem sequer são residentes do centro histórico", explica Sofia Ferreira. Nas filas que se avolumam à hora das refeições encontra-se de tudo, mas sobretudo toxicodependentes, gente que sofre de alcoolismo e aqueles que enfrentam os dias em solidão.

O outro rosto do isolamento, em Carvas, Vila Real

"Apesar de sermos poucos, cá estamos para nos ajudarmos uns aos outros"

António Garcias

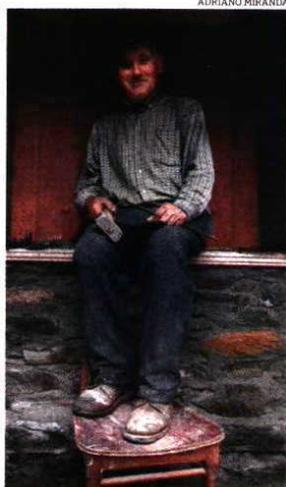
● As nuvens que empurradas pelo vento seguiam em direcção a Espanha foram dando tréguas piedosas às poucas pessoas que nesta tarde escura de Outono se dirigiam para as pequenas leiras, junto à povoação de Carro Queimado. Na aldeia, a cerca de 15 quilómetros de Vila Real, a quietude só é quebrada pelo trinar estridente dos tentilhões e do balir das ovelhas de um pequeno rebanho que atravessa a estrada.

Nesta povoação da freguesia de Vale Nogueiras, mesmo ao pé do santuário pagão de Panóias, os dias são passados tranquilamente pelos poucos habitantes que ainda resistem ao tempo e à desertificação desta aldeia do Portugal interior. Idosos a viver sozinhos já não tem. Pobres sim. A necessidade aguçou-lhes o instinto da entreatajuda. A memória dos locais vem logo o nome de António "Cego",

a quem o povo ajudou na recuperação de uma pequena e humilde casa. "Coitado! Morreu já faz tempo, a aldeia até ajudou no funeral. Olhe, a casa é aquela ali. Mora lá a mulher e os filhos. São pobrezinhos...", conta uma vizinha.

A um quilómetro de Carro Queimado fica a aldeia de Carvas. A mesma quietude, o mesmo desterro, a mesma beleza cénica, com lameiros, bordados por pinheiros, contrastando com o castanho de carvalhos e castanheiros, o azul e o cinzento de céu e nuvens. No centro, várias mulheres conversam junto a uma carrinha de venda ambulante de mercearias e pequenos bens de consumo.

Maria dos Anjos é uma das mulheres, de estatura mediana, vestida toda de negro em memória do marido falecido há seis anos. "No dia 12 de Dezembro", lembra. Os vendedores ambulantes fornecem bens de primeira necessidade, mas também



Nas aldeias o espírito é outro

servem para juntar o povo amiúde. "Já somos poucos e, quando não há sementeiras, onde vamos dar uma mão uns aos outros, muitas vezes não nos encontramos durante o dia, a não ser ao domingo, na missinha, ou então nestas alturas", diz.

Maria dos Anjos vive sozinha. "O comer, enquanto posso, ainda vou fazendo; quando não puder, logo se vê", continua, soltando uma sonora gargalhada, que provoca o acenar de concordância do resto dos presentes. Aos 77 anos, toma conta da casa, das terras e das tais duas ovelhas. "Há pouco tempo deu cabo de uma mão e lá se desenrascou. Contou, claro, com a ajuda da vizinhança. "Apesar de sermos poucos, cá estamos para nos ajudarmos uns aos outros", recorda o primo Mário Lopes, de vara na mão a suportar o peso do corpo e dos anos.

Nas alturas em que esteve doente, Maria dos Anjos contou sempre com a

solidariedade dos amigos: "Nem nessas alturas me senti sozinha." "Ainda tenho filhos que também me podem valer", sublinha, embora o mais próximo, uma filha, viva em Tojais, a 10 quilómetros de Carvas. Tem outra na Suíça e um filho na Alemanha. "A gente cá se amanha", diz.

Quando tem que ir à cidade, pagar a conta da luz, da água, do telefone ou mesmo ao mercado, vai a pé três quilómetros até à paragem do autocarro mais próxima. Muitas vezes, no entanto, junta-se a outros vizinhos e alugam um táxi.

Nem a solidão assusta Maria dos Anjos. "Tenho duas televisões em casa. Uma a cores e outra a preto e branco. Mas pouco vejo. Gosto mais de ouvir o rádio, por causa da música e da bola. Há noite, encho-me de rir com eles", conta. E fora, na rua, Maria dos Anjos sabe que pode sempre contar com o velho espírito comunitário do Portugal rural.



Idosos
Isolamento
e solidão
nas cidades
Págs. 2 a 6